

A experiência da arte e a psicoterapia: reflexões fenomenológicas

The experience of art and psychotherapy: phenomenological reflections

Crisóstomo Lima do Nascimento

Universidade Federal Fluminense

RESUMO:

Não se constitui tarefa das mais simples a aproximação temática em questão entre duas dimensões de natureza tão díspares como a arte e a psicologia, em sua dimensão clínica. Enquanto a primeira consagra a eminência do fluir e de uma pertença dialogicamente miscível no aqui e agora, a segunda, pautada por uma pragmática do fazer técnico de proveniência da metafísica do controle e da previsão, tem como *pathos* fundamental o sucesso e a certeza, artífices do pensamento da tradição. Neste sentido, o texto procura elucidar a íntima relação entre a arte e o pensamento fenomenológico, filosofia esta explicitamente crítica a uma tradição metafísica que se hegemoniza no pensar moderno e contemporâneo, tendo no filósofo alemão Martin Heidegger seu principal interlocutor.

Palavras-chave: Arte; fenomenologia; psicoterapia.

ABSTRACT:

It is not the task of the simplest thematic approach in question between two dimensions of nature as diverse as art and psychology in its clinical dimension. While the former consecrates the eminence of flow and of a dialogically miscible belonging in the here and now, the second, ruled by a pragmatic technique of provenance from the metaphysics of control and prediction, has as its fundamental pathos success and certainty, craftsmen of the thought of tradition. In this sense, the text seeks to elucidate the intimate relationship between art and phenomenological thought, philosophy is explicitly critical of a metaphysical tradition that is hegemonized in modern and contemporary thinking, with the German philosopher Martin Heidegger as its main interlocutor.

Key-words: Art; phenomenology; psychotherapy.

Inicialmente, pensamos ser importante frisar que a passagem da Fenomenologia para a prática psicológica não é uma coisa que se possa fazer de forma linear, uma vez que a Fenomenologia é uma filosofia, e não uma abordagem teórica da Psicologia. Ela constitui um horizonte a partir do qual podemos refletir sobre os modos e as formas do existir humano. E na constituição da forma de pensar da Fenomenologia, a arte pode se constituir numa referência aqui compreendida como importante. Não porque a partir da Fenomenologia podemos falar sobre ela, mas porque ela, arte, traduz possibilidades, para além da representação conceitual, lógica e sistemática, esse existir humano. Os principais filósofos da Fenomenologia – Edmund Husserl (1859-1938), Martin Heidegger (1889-1976), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) – defenderam

ardorosamente a necessidade de encontrar caminhos para o conhecimento e para se pensar a existência que superassem a “coisificação” do mundo característica do pensamento metafísico e da ciência tradicional. Nesse sentido, tomam o fazer artístico como espaço por excelência de uma outra relação possível do homem com o mundo, relação essa entendida na Fenomenologia como ontologicamente indissociável, idéia essa estruturante de um dos pilares fundamentais da fenomenologia de Edmund Husserl, o conceito de intencionalidade¹.

É lugar comum na tradição do pensamento fenomenológico que o movimento compreendido como *kehre* (virada) no pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger, a partir de meados da década de 30, fez com que o projeto de *Ser e Tempo* sofresse uma significativa inflexão. Sua ontologia fenomenológica pautada na analítica existencial das estruturas fundamentais do *Dasein* na basilar obra de 1927 se reveste, desde então, de contornos da experiência da arte na ontologia, redefinindo a concepção de *ser-aí* e de *Abertura* na possibilidade do acontecimento do ser. Fica claro que já a partir do final da década de 20, com o texto *Introdução a filosofia* (1928) e, em seguida, *Conceitos fundamentais da metafísica* (1930) Heidegger inicia uma gradual intensificação da noção de verdade como acontecimento do ser, que vem a adquirir maior robustez em *Sobre a essência da verdade* (1943).

Se o ser-aí existe, ele é como tal na verdade, no desvelamento; necessariamente, ele é na verdade e na não-verdade ao mesmo tempo. Ele sempre se movimenta faticamente em uma livre opção entre duas coisas. O ente já se tornou manifesto e já se tornou respectivamente manifesto na totalidade, por mais estreita que seja a esfera em que isso venha a ocorrer e por mais manifestamente rudimentar e desarticulado que seja o modo das determinações (HEIDEGGER, 1930: 163).

Embora tal inflexão não nos habilite afirmar um corte de descontinuidade abrupta no pensamento do filósofo, é palpável, por exemplo, no texto *A origem da obra de arte* (1951) Heidegger não a vê como encerrada na dinâmica do utensílio e da objetividade, mas sim ele a concebe como o “pôr-se em obra da verdade”, a própria produção (*poiesis*) da verdade do ser, como possibilidade de acontecimento essencial do ser. Com isso Heidegger busca prescindir do modo como a arte usualmente vinha sendo tratada pela estética moderna. Enquanto tal perspectiva circunscreve a compreensão da revelação de verdade sob a ótica da lógica, mediante a relação copular adequada entre objeto e enunciado, o pensador que é reconhecido como aquele que eiva a fenomenologia com traços ontológicos opta por um percurso filosófico de

desconstrução deste consolidado, porém insuficiente para ele, legado da tradição e faz uso da idéia de desvelamento (*Unverborgenheit*). Neste Sentido, a partir da experiência da arte, anuncia-se uma outra dimensão da abertura, na qual o próprio horizonte factual existencial se viabiliza como possível, acessível e tematizável.

Martin Heidegger descreve, em Ensaios e conferências, essa condição de aproximação das coisas via o âmbito da representação e completa, que no pensamento da tradição:

A verdade se transforma em certeza e, assim, a entidade (ousía) dos entes se torna a objetividade da perceptio e da cogitatio da consciência, do saber, empurrando o saber e o conhecer para o primeiro plano. A "teoria do conhecimento" e o que assim se considera é, no fundo, metafísica e ontologia, fundadas sobre a verdade assumida como certeza pela re-presentação asseguradora (HEIDEGGER, 2012: 64-65).

Todo o esforço filosófico cartesiano, estruturante do primado do conhecimento assentado na chamada capacidade representativa do sujeito deste conhecimento tem nas supostas obviedades do cotidiano a sua grande e principal legitimação. Nele o homem toma-se consciência distinta do mundo e isto atende à sua segurança de sentir-se como ente privilegiado, dotado de uma capacidade superior que o alça a uma condição de manipulação, controle e submissão do real aos seus anseios. O eu do “sujeito do conhecimento” e a natureza são dois pólos antagônicos no legado do pensamento da tradição, que alguns poetas e filósofos românticos tentaram conciliar numa unidade dialógica de opostos.

Um destes poetas foi o alemão Friedrich Holderlin, a quem Heidegger nutre profunda admiração e passa a se referir constantemente. Na defesa de uma Natureza, que precedia e era vista como condição de possibilidade de toda a reflexão e que, portanto, constituía originariamente como tal toda a abertura fundante de mundo. Diferentemente, pois, de simples objeto de manipulação, controle e cálculo científico, a Natureza era concebida como um incomensurável e intangível *quantum* de potência, criadora de mundo. Neste sentido, a obra de arte é uma expressiva denunciante do espírito no modo como, ao fazer arte, vê o mundo.

Contrariando essa histórica relação metafísica, a arte enquanto experiência que não consegue apreender num conhecimento definitivo a verdade daquilo que se vivencia, em sua gratuidade, permite a possibilidade de uma outra forma de relação homem-mundo. Heidegger vê a arte como o contraponto para a ciência, entendida na sua forma tradicional. A arte é vista como o lugar da manifestação mais íntima do ser humano com a experiência vivida, que é para ele o ponto central donde emerge a

possibilidade de qualquer conhecimento. Pela arte o corpo expressa o que vivencia para além dos limites da razão, trazendo de volta o que Husserl chamava de “as coisas mesmas”. No encadeamento lógico necessário ao proceder científico, há que se determinar as razões das coisas, o seu suposto fundamento e uma espécie de entrelaçamento horizontal determinístico funcional. Essa atenção mais vigilante quanto a uma maior “suspensão” ou “rarefação” da racionalidade sinaliza para a importância um maior aguçamento de olhar sobre o pensamento funcional, que estabelece as razões, desmembra e codifica as coisas, trabalha com elas num nível de experimentação, criando modelos que podem ser aplicados a outras situações, e que se efetiva como modo hegemônico de nos relacionarmos com o mundo. Em *Ser e Tempo* Heidegger aponta,

Nossa relação primeira com o mundo não se dá por nenhuma forma de conhecimento. Dá-se através do manuseio, do uso, do contato com os entes "que vêm ao encontro dentro do mundo", com instrumentos, e esse modo de ser-em é denominado ocupação (Besorgen). O que Heidegger chama de instrumento não são apenas os objetos que utilizamos para fazer alguma coisa, mas tudo com que nos deparamos em nosso mundo e assume um sentido dentro dele (a lua é também um instrumento para nós). Na verdade, falar em "coisa" aqui não seria adequado ontologicamente, porque a coisa já é derivada de uma atitude de conhecimento da pre-sença, onde "já se recorre implicitamente a uma caracterização ontológica prévia" (HEIDEGGER, 1995: 109).

A experiência da arte anuncia, entretanto, uma dimensão relacional que não se consegue alocar, facilmente, aos ditames da funcionalidade tão usualmente imperantes no cotidiano, sobremaneira advindos da modernidade. Para Heidegger, o círculo dentro do qual se move a experiência estética remonta A origem da obra de arte quando o filósofo, a partir de uma digressão hermenêutica, situa obra e autor numa circularidade originária e mutuamente constitutiva, agregando posteriormente a arte ao referido círculo, à qual a dupla circularidade inicial recorre, remonta e se imbrica.

Segundo a compreensão normal, a obra surge a partir e através da atividade do artista. Mas por meio e a partir de que é que o artista é o que é? Através da obra; pois é pela obra que se conhece o artista, ou seja: a obra é que primeiro faz aparecer o artista como mestre da arte. O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro. E, todavia, nenhum dos dois se sustenta isoladamente. Artista e obra são em si mesmos, e na sua relação recíproca, graças a um terceiro, que é primeiro, a saber, àquilo a que o artista e a obra de arte vão buscar o seu nome, graças à arte (HEIDEGGER, 1997: 10).

Enquanto espaço marcado fundamentalmente pelos sentidos que se anunciam enrijecidos e tolidores do existir e modos de ser, o âmbito da psicoterapia se constitui fundamentalmente sob a expectativa da possibilidade de um alargamento da liberdade de correspondência à factualidade existencial daquele que a procura.

Tal amplificação de modos de correspondência não pode prescindir, entretanto, da explicitação temática apropriativa da concreção daquilo que está em jogo em sua época, ancorado no modo como cada “mundo” sedimentado irá, na dimensão ontológica do ser-com, se determinar essencialmente. Para além de uma ordem exclusivamente catártica da explicitação verbal tão freqüente ao âmbito da psicoterapia, que não raramente se modula pela égide do “falatório” e do “impessoal”, a experiência da arte comporta, em sua essencialidade instauradora de “mundo”, a auto-experienciação de uma alteridade própria vivencial que possibilita o reconhecimento de algum nível de participação pessoal na constituição de seus significados, neste caso, estruturantes de sofrimentos e restritores do existir.

O psiquiatra suíço Medard Boss, em sua obra *Angústia, culpa e libertação* alerta para a necessidade das novas propostas terapêuticas em psicologia estabelecerem novos referenciais humanos não-conceituais ou categoriais, mas que possam servir para expressar melhor o domínio da compreensão. Na dimensão artística, a linguagem poética suscitaria uma ambiência relacional no estar terapêutico mais solícito ao encontro do paciente consigo próprio, ou seja, a conseguir re-significar seus sentidos a partir da auto-experiência da abertura mundana possibilitadora e fundante destes. Caberia a psicoterapia o esforço de sustentabilidade desta abertura ao encontro apropriativo auto-fundante. Os sentidos de cunho estruturantes do existir do paciente que emergem via linguagem poética no encontro terapêutico, pela própria dimensão ontológica de rarefação racionalista da experiência artística, são, por si só, afetos a uma maior libertação. Em última instância, portanto, uma psicoterapia de inspiração fenomenológica tem um comprometimento originário com uma dinâmica relacional instauradora de uma libertação do paciente para suas próprias possibilidades de ser, maximizando suas possibilidades de apropriação.

No âmbito da cotidianidade, dimensão fundante do mundo da vida² (*lebenswelt*) e que emerge na fala e escuta psicoterápica, entendemos as coisas a partir do que elas supostamente são e isso se baseia essencialmente no conceito que construímos historicamente sobre elas.

Acreditamos ser possível fazer, mesmo que de modo preliminar e ainda prudente, uma analogia entre a circularidade hermenêutica traçada em A origem da obra de arte e a experiência cotidiana, esta estruturante dos desatinos norteadores da busca terapêutica. Autor, obra e arte revelariam, na experiencição estética fundante co-originária do objeto estético, a relação paciente, mundo retratado no discurso e mundo da vida, pano de fundo ao mesmo co-fundante(análogo à experiência essencial intuitiva noemática em Husserl) e *Dasein* (abertura originária pré-compreensiva) para Martin Heidegger.

Situa-se aí a dimensão, também do Heidegger tardio, de experiência apropriativa, possibilidade de tomada do *dasein* por ele próprio desse campo dessa circularidade imanente hermenêutica, âmbito este fundamental para um exercício de experiência de maior rigor de um pensar próprio que não se esgota no decaimento impessoal e impróprio cotidiano.

O impessoal desenvolve sua própria ditadura nessa falta de surpresa e de possibilidade de constatação. Assim, nos divertimos e entretemos como impessoalmente se faz; lemos, vemos e julgamos sobre literatura e arte como impessoalmente se vê e julga; achamos revoltante o que impessoalmente se vê como revoltante. O impessoal, que não é nada determinado, mas que todos são, embora não como soma, prescreve o modo de ser da cotidianidade (HEIDEGGER, 1995: 179).

Pensamos se situar aí uma radical possibilidade de experiência do pensar psicoterápico, pois se trata do por em jogo um horizonte de mistério fundamental do ser homem: horizonte de abertura da própria existência. O homem é o único ente cujo ser está sempre em jogo em sua existência, mas que não raramente vive constrições afuniladoras proporcionadoras de intensas experiências de sofrimento, fenômeno este comumente potencializador de buscas terapêuticas. Para a fenomenologia, não há uma essência a priori à própria experiência do existir. O homem é ser-no-mundo. É preciso, de certa forma, entender que, essencialmente, não somos nada a priori. Nenhum mundo é o mundo certo ou verdadeiro, fora da experiência de verdade como *alethéia*, experiência esta fortemente presente na vivência artística. Experiência esta de densidade imanente de grande rigor e potência. Eis onde se situaria o âmago de uma experiência genuinamente terapêutica.

A experiência da arte e a sua decorrente imaginação poética pode em muito ampliar, de modos singulares, as reflexões que se dão em âmbito terapêutico. A busca pela imaginação poética é uma enunciação possível de um modo alternativo aos sedimentados na tradição, a partir das filosofias da subjetividade, segundo os preceitos

cartesianos. A imaginação que se dá no influxo do insólito poético é a própria condição de possibilidade de considerações multiformes, multidirecionais e enrobustecidas de intensidades situacionais do vivido no encontro terapêutico. Em última instância, a psicologia clínica em sua dimensão terapêutica se trata de um exercício de libertação. Neste sentido, afirma Boss (1972): “Por isso, com a libertação psicoterápica, queremos levar nossos pacientes ‘apenas’ a aceitar suas possibilidades de vida como próprias e a dispor delas livremente e com responsabilidade”.

Não devemos concluir dessa rápida e ainda insipiente reflexão que o mundo que convencionamos em sociedade, com seus hábitos, costumes e valores não é importante. O que se pomos em questão aqui é uma hegemônica, regular e mediana experiência metafísica de planificação e cristalização da experiência cotidiana de mundo como verdade absoluta, e, também, a cristalização ou entificação dos nossos modos de ser medianos como únicas possibilidades de estar no mundo, que raramente se submetem a um pensar de maior grau de criticidade. O nosso modo de ser mais comum e impessoal é tão próprio ao nosso existir, quanto o fato de que ele não esgota nossas possibilidades existenciais enquanto ser-no-mundo. Mais do que fazer experiências originais de mundos, o que buscamos tentar tangenciar através da ressonância das aproximações aqui erigidas, seja através da arte ou por outros caminhos do insólito que não se permitem a captura pelas ordens lógicas de cunho determinativos e causalistas, é a “brecha”, a “abertura” que nos permite transitar entre mundos, mundo de sentidos, mundos de maior liberdade para conosco mesmos numa correspondência talvez mais fiel à nossa condição de indeterminação existencial.

O espaço para uma compreensão fenomenológica sobre o sofrimento psíquico que adentra ao espaço terapêutico co-habita com a possibilidade de explicitação a partir do qual sua emergência se dá como possível. Tal dinâmica compreensiva não tem como abdicar de um deslocamento existencial deste que sofre de seu próprio horizonte de constituição de mundo como sentidos. O modo técnico científico pautado nas filosofias metafísicas da subjetividade que estrutura a como ciência quase nunca é submetido a um exercício de maior rigor crítico anunciador de seus limites e possibilidades constitutivos. Assim, vemos um significativo espaço para a experiência da arte que se configura como relação dialógica com a alteridade do outro pela afirmação do vivido no contexto do espaço terapêutico. O encontro terapêutico passa a contemplar uma atividade fluída e eminentemente plástica na qual a afirmação do devir se potencializa

na criatividade e na possibilidade do processo de mudança decorrente do enfrentamento e reavaliamento crítico das bases constitutivas de seu mundo da vida.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *De la história a la acción*. Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica, 1995.
- BOSS, Medard. *Angústia, culpa e libertação*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1981 (Original publicado em 1972).
- HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Lisboa, Edições 70, 1990
- HEIDEGGER, Martin. *A Caminho da Linguagem*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. A Coisa. In: *Ensaio e Conferências*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *A Questão da Técnica*. In *Ensaio e Conferências*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. *Explicações da poesia de Holderlin*. Brasília: UNB, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. *Meu Caminho para a Fenomenologia*. São Paulo: Abril Cultural (Col. Os Pensadores), 1973.
- HEIDEGGER, Martin. *Que é isto - a filosofia?* Tradução Ernildo Stein. São Paulo: ed. Nova Cultural, 1991a.
- HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da verdade*. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: ed. Nova Cultural, 1991b.
- HEIDEGGER, Martin. *Que é Metafísica?* Tradução Ernildo Stein. São Paulo: ed. Nova Cultural, 1991c.
- HEIDEGGER, Martin. *O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento*. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: ed. Nova Cultural, 1991d.
- HEIDEGGER, Martin. *O Que Quer Dizer Pensar*. In: *Ensaio e Conferências*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002
- HEIDEGGER, Martin. *Sobre o Problema do Ser – O Caminho do Campo*. São Paulo: Abril Cultural (Col. Os Pensadores), 1984.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HEIDEGGER, Martin. *Heráclito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- HEIDEGGER, Martin. *Conceitos fundamentais da metafísica: mundo-finitude-solidão*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. Alétheia In: HEIDEGGER, Martin. *Heráclito de Éfeso* (Coleção Os Pensadores – Os Pré-Socráticos) São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978 e 1999.

- HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da verdade*. São Paulo: Abril Cultural (Col. Os Pensadores), 1984.
- HUSSERL, Edmund. *A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia*. Porto Alegre: EdipucRS, 2002.
- HUSSERL, Edmund. *A Idéia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- HUSSERL, Edmund. *Meditações Cartesianas*. São Paulo: Madras Editora Ltda, 2001.
- HUSSERL, Edmund. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

Crisóstomo Lima do Nascimento
Universidade Federal Fluminense
Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense
E-mail: crisostomolima@id.uff.br

¹ ...e o juízo, ainda que errado, é um juízo deste e daquele estado de coisas visado, etc. A propriedade fundamental dos modos de consciência, que o eu vive como eu, é a chamada intencionalidade, é sempre ter consciência de alguma coisa (HUSSERL, 1992: 11).

² Mundo da vida (*lebenswelt*) é o mundo constantemente já dado, válido constantemente (...), mas não é válido por causa de algum propósito de investigação, por causa de alguma finalidade universal. Todos os fins o pressupõem.